

Índice

Prólogo. Kaira	13
Parte Um	
1. Elsa	19
2. Elsa	25
3. Elsa	33
4. Rye	45
5. Elsa	53
6. Piper	62
7. Elsa	68
Parte Dois	
8. Piper	81
9. Cotovia	85
10. Cotovia	97
11. Cotovia	104
12. Swan	110
13. Cotovia	119
14. Swan	131
15. Cotovia	139
16. Cotovia	145
Parte Três	
17. Swan	157
18. Rye	169
19. Cotovia	175
20. Rye	187

21. Rouxinol	191
22. Cotovia	201
23. Rouxinol	207
24. Cotovia	214
25. Rouxinol	225
26. Swan	226
27. Rouxinol	228

Parte Quatro

28. Piper	231
29. Rouxinol	245
30. Cotovia	248
31. Swan	253
32. Rouxinol	260
33. Cotovia	266
34. Rye	279
35. Cotovia	285
36. Rouxinol	298
37. Cotovia	306

Parte Cinco

38. Rouxinol	323
39. Cotovia	333
40. Swan	339
41. Rouxinol	348
42. Piper	353
43. Cotovia	357
44. Rouxinol	361
45. Cotovia	365
46. Cotovia	373
47. Swan	384
48. Rouxinol	388
49. Swan	390
50. Cotovia	394
51. Piper	403
52. Rouxinol	408
53. Cotovia	411

Agradecimentos	417
----------------	-----

PRÓLOGO

KAIRA

Hoje vou abandonar de vez o meu quarto. Não posso levar nada comigo, porque supostamente saio só para fazer compras. Visto o casaco. Há anos que não recebo um novo e as mangas ficam-me curtas. Envergonho-me do seu tamanho diminuto, a lembrar as garras moles de uma cria de pássaro. Espreito o meu reflexo no espelho pequeno. Nunca mais olharei para ele. Tenho 17 anos, mas ninguém diria. Sou pequena para a minha idade, magra por causa da doença e lisa como uma tábua. Os meus óculos de lentes grossas não ajudam. Nem me atrevo a pensar no que estou prestes a fazer. O coração bate forte.

Não penses tanto, digo a mim mesma. Vai em frente. Só isso. Fecho a porta do quarto.

No corredor, sinto o cheiro a pernil de porco e couves. Na cozinha, a minha mamã atual está a cozinhar. Consolo-me com a ideia de nunca mais ter de engolir a sua comida aguada.

«Vou num instante ao mercado», digo.

A Ishbella espreita para fora da cozinha. Quando chegou à nossa casa, andava sempre impecável. Lábios pintados de vermelho e vestidos pontiagudos, com pregas afiadas como facas. Agora parece exausta e os seus contornos são incertos — tudo o que digo e faço passa-lhe completamente ao lado.

«Então e as botas do teu papá?», pergunta.

«Já as engraxei.» Sorrio, apontando para o par de botas de cano alto que rebrilha a um canto.

«Traz-me uma lata de pasta de galinha», pede a Ishbella.

«Bem podes ficar à espera», digo para os meus botões. E saio.

No exterior, sinto o embate do ar frio na pele. Fico atordoada. O vento chicoteia-me enquanto caminho para o mercado. Mas o mercado não é o meu destino. Na verdade, preparo-me para fugir.

Envio um pensamento-fronde, muito alto no ar, como a Cassandra me ensinou. Uma única e solitária nota de *songlight*, apontada com entusiasmo. Sinto que toca no espírito dela.

«Estou a caminho», digo-lhe.

Sinto a presença da Cassandra a intensificar-se à medida que me deixa entrar na sua consciência. Momentaneamente, vejo o mundo através dos seus olhos. Está a sair do trabalho, percorrendo um corredor em direção à entrada do hospital. Passa por um médico mais velho e acena-lhe.

«Boa noite, senhora enfermeira», oiço-o dizer.

A Cassandra deixa o edifício. Caminha com graciosidade, a bom ritmo, nada que ver com o meu coxear hesitante. Quando estou com ela em *songlight*, sinto uma felicidade tão súbita e aguda que se torna quase dolorosa. Ser sustida pela sua luz... é como o mais perfeito dia de verão.

Quando estive internada no hospital, a Cassandra foi a enfermeira que me salvou a vida. Ela pressentiu a minha *songlight*, ainda antes de eu me atrever a pensar no que aquilo era.

«Sabes o que és, não sabes?», perguntou. Fê-lo sem usar a voz, mas ainda assim eu conseguia ouvi-la muito bem. Respondi da mesma maneira.

«Uma inumana.»

«Não», disse ela. «Nunca uses essa palavra. Tu és uma Archote.»

Agora vejo as luzes da esplanada incidirem nas poças à sua frente, enquanto caminha. As grandes turbinas da cidade giram aproveitando a força da brisa, erguendo-se acima das casas como uma floresta de metal.

«Sabes onde encontrar-me?», pergunta ela.

«Sim», respondo. «Estou pronta.»

Ela sente o meu batimento cardíaco acelerado, a minha trepidação. «A liberdade não é fácil. Implica perigos. Mas é o que está certo.»

«Vamos para onde?», pergunto.

«É mais seguro não te dizer. Não tenhas medo, Passarinho.»

«Não tenho.»

Na verdade, preferia que ela não me chamasse Passarinho. Sei que o faz por razões de segurança — nunca devemos dizer os nossos nomes verdadeiros, nem mesmo na *songlight*, para o caso de Sirenes estarem à escuta. Mas «Passarinho» faz-me sentir que sou uma miúda, apenas alguém de que ela precisa de cuidar.

A estação dos elétricos ergue-se à minha frente, construída no estilo poderoso da Irmandade. Subo até à plataforma, lentamente, degrau a degrau. Estou a ficar cansada e detenho-me para recuperar o fôlego. Torno-me mais forte a cada dia que passa, mas a Febre Devastadora deixou as suas marcas. Canso-me depressa e a minha perna direita é ligeiramente mais delgada do que a esquerda — às vezes dói tanto que preciso de usar uma bengala. Não me esqueço de que tenho mais sorte do que muita gente. Sobrevivi.

A plataforma está a abarrotar. Cidadãos esperam de cada lado dos carris. Tento não olhar para o Inquisidor isolado, que permanece no topo das escadas, envergando o seu uniforme escuro. Cruzo-me com ele, tão descontraída quanto me é possível, e caminho ao longo da plataforma. Por fim, vejo a Cassandra chegar. Passa pelo Inquisidor e pisca-me o olho. Sinto um feixe de alegria. Na verdade, era capaz de seguir a Cassandra para qualquer lado.

Penso nos dias futuros em que estarei na sua companhia. O feixe transforma-se num brilho que aquece todo o meu corpo e me enche de força. A trepidação vai desaparecendo gradualmente.

Vou ser livre.

Sinto uma pontada de arrependimento por causa do meu pai — mas a tensão de ter de esconder quem sou verdadeiramente tornou-se insuportável. Sei que o meu segredo acabaria por ser desvendado, mais cedo ou mais tarde — e causaria angústia ao papá ter de me destruir. Nunca poderei ser a filha que ele deseja.

A Cassandra afasta-se um pouco, como se fôssemos apenas desconhecidas à espera do mesmo elétrico. Não vou ter medo. Não vou ter dúvidas. Vou mostrar-me digna da sua amizade e dos seus cuidados. Permito-me olhar para ela de relance, toda a minha alma a brilhar de gratidão e amor.

E então acontece.

Vejo algo a tremeluzir na atmosfera, mesmo ao lado dela. Uma figura masculina, a olhá-la fixamente. O vislumbre de um homem que veste um fato baratucho, chapéu a cobrir-lhe a cabeça rapada. Ele é como nós, um Archote, mas um Archote que foi capturado e agora, em troca de lhe terem poupado a vida, utiliza a sua *songlight* para apanhar outros Archotes.

É um Sirene. E tem a minha bela Cassandra ao seu alcance.